



## **Corrupção nos Correios:**

### **Análise dos discursos das revistas Carta Capital e Veja entre maio e junho de 2005**

Fernanda Graim<sup>1</sup>

E-mail: nandagraim@ig.com.br

**Resumo:** O presente artigo procura mostrar como a mídia pode expressar sua subjetividade através de pequenas formações discursivas, afastando-se, assim, do que dizem ser um dos requisitos básicos para se fazer um bom jornalismo: a imparcialidade. Para tanto, a partir dos conceitos de Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu, Jacqueline Authier-Revuz e Eliseo Véron, foram analisados os discursos das revistas Carta Capital e Veja sobre denúncias de corrupção em licitações nos Correios nos meses de maio e junho de 2005. Por fim, concluímos que, devido a interesses e ideologias que estão por trás de empresas e pessoas que constituem a mídia, a imparcialidade é uma utopia. Por isso, a sociedade deve ser mais crítica e estar mais atenta ao material midiático que consome.

**Palavras-Chave:** Corrupção. Correios. Brasil. Imparcialidade da Mídia.

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pará.



## **Introdução:**

Para o colunista da Folha de São Paulo, Luís Nassif, “a mídia não está preparada para os novos tempos em que se exige dela ‘estabelecer parâmetros’” (LIMA, 2006, p.63).

Cada vez mais, os meios de comunicação buscam o recorte que lhes interessa da realidade, conceitos como ética e imparcialidade acabam sendo esquecidos, em favor de interesses político-econômicos das empresas de comunicação. Por isso, alguns acontecimentos acabam sendo omitidos, colocados em segundo plano ou “espetacularizados” pela mídia.

“Basta notar que a maioria das definições em linguagem comum coconsideram a parcialidade noticiosa como a intrusão da <<opinião>> subjectiva do repórter ou da organização jornalística no que é pretensamente um relato <<factual>>” (TRAQUINA, 1993, p. 102)

Para mostrar como isso pode ocorrer sem que o público perceba, neste artigo, vamos analisar e comparar os discursos de duas revistas semanais na cobertura das denúncias de corrupção em licitações nos Correios.

Em maio de 2005, tais denúncias causaram uma grave crise política, pois havia indícios da participação de pessoas da base aliada do governo no caso, o que provocou o pedido da realização de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, a “CPI dos Correios”. Mais tarde, com as denúncias de Roberto Jefferson, na época, presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sobre o chamado “Mensalão”, surgiu a necessidade da “CPI do Mensalão”.

Escolhemos a revista Veja, que foi um dos primeiros meios de comunicação a denunciar o fato e, normalmente, tem uma postura direitista, com um discurso favorável à elite.

A outra escolhida foi a revista Carta Capital, a qual possui um discurso mais crítico, não especificamente de esquerda. E, como admitiu seu diretor de redação, Mino Carta, no editorial da edição de 15 de junho de 2005, a revista “orgulha-se de ter apoiado a candidatura de Lula em 2002”.

Durante a análise, serão usados os conceitos de *polifonia e dialogismo*, de Mikhail Bakhtin; de *poder simbólico*, de Pierre Bourdieu; de *heterogeneidade enunciativa (constituente e constitutiva)*, de Jacqueline Authier-Revuz e, por fim, de *contrato de leitura*, de Eliseo Véron.



Escolhemos, para analisar, a edição da primeira semana em que cada revista aborda o fato mais três edições. Além disso, dividimos o trabalho, primeiramente, em duas partes, onde faremos a análise de cada veículo separadamente e destacaremos suas regularidades, e uma terceira, em que faremos a comparação entre os discursos dos dois.

#### **Análise da revista Carta Capital:**

A edição do dia 25 de maio da revista Carta Capital foi a primeira a trazer alguma reportagem que envolvesse o tema da corrupção nos Correios, por isso esta e as edições de 1º, 8 e 15 de junho foram as usadas para análise.

Podemos observar que em todas as edições, exceto a do dia 8 a qual não traz nada sobre o assunto, o tema não é tratado diretamente. Ele é sempre citado dentro de um contexto geral, como, em 1º de junho, que a reportagem fala do início antecipado da campanha presidencial e das divergências dentro do PSDB, o subtítulo afirma que “O PSDB aproveita a CPI dos Correios...”.

Todas as matérias pertencem à editoria “Seu País”, que aborda assuntos relacionados ao Brasil, e têm chamada na capa, sendo que a edição do dia 15 dedicou a capa e um conjunto de três reportagens e uma entrevista ao escândalo do “Mensalão”, uma das conseqüências da corrupção nos Correios, pois o deputado Roberto Jefferson, principal acusado neste caso, resolveu denunciar o suposto esquema de mesadas dentro do governo.

A polifonia (presença de várias vozes em um discurso) é marcante nas matérias da revista, sendo muito usado o discurso direto e o diálogo entre os vozes (dialogismo). Esse último conceito é fundamental no pensamento e no método de Mikhail Bakhtin:

“Essa preponderância concedida a apenas uma das muitas idéias inter-relacionadas de Bakhtin se reflete não só na ampla utilização do qualificativo ‘dialógico’ dentro do discurso crítico, como também em diversos títulos de livros acerca de Bakhtin, com *O princípio dialógico* (Todorov) ou *Bakhtin: ensaios e diálogos sobre sua obra* (Morson). O próprio Bakhtin parece autorizar essa impressão de que o ‘dialogismo’ ocupa posição central em sua obra, dizendo: ‘Por toda parte ouço vozes e as relações dialógicas entre elas’” (STAM, 1992, p. 71)

“Para Bakhtin, a linguagem é um campo de batalha social onde os embates políticos são travados tanto publica como intimamente” (STAM, 1992, p. 31). Nas notícias de Carta Capital, recorre-se bastante a vozes de ministros, senadores e deputados aliados e opositores, além de sociólogos e cientistas políticos. Normalmente, as vozes contra o governo petista são seguidas de vozes a favor, o que ameniza as acusações e,



quando estas são feitas por integrantes do PSDB, a referência é sempre mencionada, usando-se muito o adjetivo “tucano”.

É bastante presente a linguagem metafórica, são usados termos e frases como “crise de origami”, “[a CPI] deseja ser a porta de entrada para se investigar o governo Lula”, “estratégia”, “palco”.

Constantemente, percebe-se a ligação entre a crise política enfrentada por Lula e as eleições de 2006, destacando que a “CPI tem força suficiente para jogar o governo na berlinda” e o receio da oposição que Lula se reeleja.

A crise é mostrada, só que palavras e conectivos como “suposto”, “supostamente”, “mas”, “no entanto”, “adversários”, além de verbos no futuro do pretérito são bastante usados, normalmente, para diminuir o envolvimento do governo, principalmente do presidente Lula, nos casos e, praticamente, caracterizá-lo como vítima, a foto de Lula na página 27 da edição do dia 15 serve para ilustrar isso.

A edição do dia 15 de junho é a que mais traz denúncias contra o governo e seus aliados na primeira reportagem das três. Ela é seguida, entretanto, de uma matéria que lembra a corrupção em tempos passados, em que a atual oposição estava no poder, destaca frases como: “Na guerra da CPI, os aliados querem investigar a compra de votos no governo FHC” e “No governo tucano, a denúncia do mensalão não teria provocado grandes marés”.

Depois, mostra a seu público, normalmente investidores e empresários, que o “terreno está fértil para a especulação”, lembrando que “os investidores de peso estão convencidos - ou mantêm o discurso – de que os fundamentos do Brasil vão bem” .

Por fim, a revista traz a entrevista de “um dos mais renomados e respeitados acadêmicos do país”, o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos, ele fala do poder simbólico da imprensa e da capacidade que ela tem de gerar “grandes furacões”, como crises políticas.

Apesar dessas reportagens, podemos ver que a corrupção nos correios não foi um tema tão abordado por Carta Capital, se a compararmos a outros veículos de comunicação e a outros escândalos de corrupção, por exemplo, os casos de Daniel Dantas e Henrique Meirelles que são sempre mencionados pela revista.

Na edição de 8 de junho, ela não fala nada sobre os Correios e traz como primeira matéria da editoria “Seu País” algo envolvendo o setor econômico, interessante para seu público-alvo: os juros e o Produto Interno Bruto (PIB).

### **Análise da revista Veja:**



A revista *Veja* trouxe na sua edição do dia 18 de maio a primeira reportagem com a denúncia da corrupção nos Correios. A análise, então, foi feita a partir desta e das edições de 25 de maio, 1º e 8 de junho.

Excetuando as reportagens do dia 8, que pertencem a uma série especial de matérias sobre corrupção no Brasil e estão na editoria “Geral”, todas as outras são apresentadas na editoria “País” e no índice são apresentadas ao lado da palavra “corrupção” em negrito.

Nas quatro edições elas têm chamada de capa, porém somente a do dia 1º de junho dedica a capa inteira especificamente ao assunto dos Correios, apesar de as revistas dos dias 25 de maio e 8 de junho também destacarem a corrupção.

*Veja* faz questão de ligar as figuras do deputado Roberto Jefferson e do PTB à do PT, como percebemos na página 59 do dia 18 de maio: “Desde o impeachment, o PTB participa de todos os governos, sempre beliscando um cargo aqui, outro cargo ali. Agora, no governo petista, porém, adquiriu força e vigor ímpares”.

A revista cita também as ilegalidades cometidas por alguns “afilhados” de Jefferson, enfatiza a solidariedade de Lula com este e afirma que o governo tem culpa no caso: “O governo Lula, como os anteriores, tem sua parcela de culpa pela situação atual. Tivesse se dedicado a fazer as duas reformas [administrativa e política], Lula não estaria hoje ao lado da constrangedora figura de Roberto Jefferson”.

Palavras e expressões como “roubalheira”, “dissimulado”, “temor do governo”, “governo apavorado” e “mobiliza o governo” são bastante usadas para desqualificar a presidência, destacando a desaprovação de Lula e seus aliados em relação à implantação de uma CPI.

As vozes são muito utilizadas em discurso indireto e, quando se usa o direto, é constante a omissão dos enunciadores, por exemplo: “*Veja* ouviu um ex-freqüentador da alcova petista...Pedindo para não ter sua identidade revelada, ele conta...” (pág. 59 de 18/05/05) e “...compara um ministro com gabinete no Planalto” (pág. 45 de 25/05/05).

Recorre-se minimamente a especialistas, como filósofos, sociólogos e cientistas políticos. Os depoimentos e as acusações são mencionados no pretérito perfeito, passando a certeza de que o fato ocorreu, temos, também, a sensação de que a revista tem um espião em todos os acontecimentos mencionados, pois a onipresença com que os narra é impressionante.



A edição do dia 1º de junho “traduz” frases faladas, na maioria, por integrantes do governo ou pelo próprio presidente que, para Veja, são equivocadas ou sem sentido. Além disso, traz textos de Tales Alvarenga e André Petry, lamentando a corrupção política.

O assunto é bastante mencionado em outras partes da revista, desde o editorial e a entrevista das “páginas amarelas” até as cartas de leitores e pequenas notas.

### **Comparação dos discursos:**

O fato de Veja ter sido uma das primeiras a denunciar a corrupção nos Correios, deixou Carta Capital com uma semana de atraso, por isso a diferença de datas entre as quatro edições usadas.

As duas revistas mantêm o contrato de leitura com seu público referencial, pois:

“A noção de contrato coloca em destaque sobre as condições de construção do elo que une no tempo um média a seus “consumidores”. Como num caso de uma marca comercial, um média deve administrar este elo no tempo, cuidá-lo e fazê-lo evoluir no seio de um mercado de discurso cada vez mais disputado. O objetivo deste contrato de leitura é de construir e de preservar o habitus de consumo.” (VÉRON, 1991 apud FERREIRA, p.4)

O assunto tem chamada de capa e pertence a uma editoria específica, quando tal contrato se quebra, como no caso da Veja do dia 8 de junho, isso se compensa, pois a reportagem desejada está dentro de uma série especial.

Veja, porém, é mais ofensiva em relação ao governo petista, destaca sempre a ligação do partido aos acusados de ilegalidades, cita a desaprovação da presidência em implantar uma CPI que apure as denúncias e não faz ligação entre a crise política e as eleições de 2006.

Já Carta Capital, usa isso para justificar o que está acontecendo, falando que os tucanos estavam antecipando a campanha presidencial, além disso, cita o poder simbólico da mídia, o qual pode provocar “grandes furacões”.

“É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os <<sistemas simbólicos>> cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a <<domesticação dos dominados>>.” (BOURDIEU, 1989, p. 11)



Ela, também, usa vozes de deputados, ministros e senadores, além de especialistas no campo político. Tais vozes, em sua maioria, são expressas no discurso direto e os seus donos são revelados. Percebe-se aí o conceito, estudado por Jacqueline Authier-evuz, de *heterogeneidade constituinte*, que são vozes explícitas que se mostram na superfície textual, caracterizada pela pluralidade de vozes citadas pelo autor do texto, tendo em vista a realização de seus interesses, os quais podem ser percebidos através da escolha de um conectivo, do tipo de discurso (direto ou indireto) ou do tempo verbal (um verbo no futuro do pretérito, por exemplo, expressa incerteza).

“Jacqueline Authier-Revuz (1995, p.804) vai teorizar, a partir da análise do que ela chamou de modalização autonímica, a tensão entre o Outro e Um explícita no discurso, ela diz que é no ´real das não-coincidências do dizer irredutíveis e permanentes, onde elas afetam o dizer, que se produz o sentido`.” (HARTMANN, p.2)

Veja, porém, omite muitas de suas fontes, recorre bem pouco a analistas do campo e usa mais o discurso indireto.

O assunto, em Carta Capital, não ganha tanto destaque, percebe-se isso na edição do dia 8 de junho que não traz referências à crise política, mas sim, fala do setor econômico, tendo em vista que seu público-alvo é composto, principalmente, por empresários e investidores.

Já Veja, na edição da mesma data, oferece uma série de reportagens especiais sobre corrupção, fala do caso do IBAMA e do Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), fatos não abordados pela outra revista.

Por fim, nota-se que a crise enfrentada pelo governo Lula é frequentemente mencionada na revista Veja, em editoriais, entrevistas, notas, cartas, artigos e colunas. Enquanto que Carta Capital tenta amenizar o que está acontecendo durante o governo de um presidente que ela apoiou em 2002.

### **Considerações finais:**

Nossa análise serviu pra confirmar que aquela utópica imparcialidade da mídia não existe, pois há sempre interesses e ideologias por trás do que é dito e escrito. É marcante a presença dos conceitos de polifonia, dialogismo, poder simbólico, contrato de leitura, heterogeneidade enunciativa, além da impressionante diferença entre as formações discursivas de cada revista (veja e Carta Capital).

Por isso, ao lermos uma notícia, precisamos estar sempre atentos às intenções discursivas presentes nela. Devemos aprender a ser leitores críticos, confiar desconfiando



do que lemos, como expressou Carlos Castillo em seu artigo do dia 25 de janeiro de 2007, no site do Observatório da Imprensa:

“É possível acreditar em tudo o que os jornais, revistas, rádios e televisões publicam? A realidade indica que não. É necessário então descrever em tudo o que eles afirmam? O bom senso também sugere uma resposta negativa. Então o que o pobre do leitor pode fazer? A resposta para este dilema está na expressão leitura crítica cuja importância aumenta na mesma proporção do crescimento da avalanche informativa gerada pela internet. Trata-se de desconfiar confiando, ou confiar desconfiando, uma atitude nova e perturbadora para a maioria esmagadora dos leitores, ouvintes, espectadores, navegadores e também para os jornalistas.” (CASTILLO, 2007)

Por outro lado, se não é possível ser imparcial, cabe também ao jornalista, pelo menos buscar ser honesto com o seu leitor, como expressa o jornalista e advogado Flávio Porcello, em artigo no site da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj):

“Imparcialidade? Bem essa é difícil de atingir. Por trás de qualquer imagem está o olho do jornalista. Ele faz o recorte, faz a escolha, decide o que vai mostrar. Logo, ele não é imparcial. Ele tem lado, escolheu uma posição para dali fazer sua observação. O jornalista não pode ser imparcial, mas deve ser honesto. Deve ter a determinação de mostrar o máximo possível do que apurou para o público consumidor da notícia faça sua avaliação.”(PORCELLO,2007)



## Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEC, 1989. p.11.
- CARTA CAPITAL. São Paulo, ano XI, n-343, 25 maio 2005.  
----- São Paulo, ano XI, n-344, 01 jun. 2005.  
----- São Paulo, ano XI, n-345, 08 jun. 2005.  
----- São Paulo, ano XI, n-346, 15 jun. 2005.
- CASTILLO, Carlos. **Quem tem medo da leitura crítica?** Disponível em:  
[http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id\\_blog=2](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id_blog=2) . Acesso em: 25 jan. 2007.
- FERREIRA, Giovandro. **O posicionamento discursivo de "A Gazeta" e "A Tribuna" (Vitória-ES / Brasil): uma explicação para entender a evolução de suas tiragens**. p. 4. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em  
<http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/6%20GT2000%20Periodismo/GiovandroFerreira.doc> . Acesso em 26 jan. 2007.
- HARTMANN, Fernando. **Sujeito do inconsciente e sujeito em análise de discurso: diferenças e aproximações**. p. 2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em  
<http://www.discurso.ufrgs.br/sead/doc/ideologia/hartmann.pdf> . Acesso em 26 jan. 2007.
- LIMA, Venício A. de. **Mídia: Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 63.
- PORCELLO, Flávio. **O jornalismo e o Brasil**. Disponível em:  
<http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1474> . Acesso em 29 jan. 2007.
- STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Traduzido por Luís Manuel Dionísio. Lisboa: Vega, 1993. p. 102.
- VEJA. São Paulo, ano 38, n-20, 18 maio 2005.  
----- São Paulo, ano 38, n-21, 25 maio 2005.  
----- São Paulo, ano 38, n-22, 01 jun. 2005.  
----- São Paulo, ano 38, n-23, 08 jun. 2005.